

APRESENTA

THEATRO DE COMEDIA

em original em 3 atos de
ESTO OLANDEZ

de J. VAN HANCO

PERSONAS

- FELI RITA
- TINO X
- NICO
- GRACIELA
- SUZY
- FREI
- NADA E TINA
- ELIAS E NETH
- SABRIL
- J. VAN HANCO
- FELI N DO
- POLICIA
- 2º JUTICIAL

REALIZADO EM	SITIO
ASSIST. STUDIO	ADAPTADO
PATROCINADO	HORARIO

CENÁRIOS:

19 - PACHEADA DE CASA MODESTA COM PORTA E JANELA. UMA PLACA AO LADO DA PORTA COM OS SEGUINTES BIZENES: MADAME TUIAN - CARTOLANTE.

20 - PEQUENA SALETE DE ESTEREA, CONJUGADA COM OUTRA SALETA, TAMBEM PEQUENA. A PRIMEIRA SALETA (A DA ESQUERDA) TEM UMA PORTA NA PAREDE DO FUNDO, SOBRE O LADO ESQUERDO E OUTRA PORTA NA PAREDE QUE LIGA AS DUAS SALAS, NO MEIO A SALETA DA DIREITA TEM UM PORTAL CÂVED DE 2X1 AO FUNDO.

39 - SALETA DE INTELAGIA DE POLICIA, COM UMA PORTA NA PAREDE DO FUNDO, SOBRE O LADO DIREITO. UM PRATICAMEN DE 2X2 NO LADO ESQUERDO E UMA GRADIL QUE ATREVESSA A CASA TODA, DIVIDINDO-A EM DUAS PARTES. ESTA DEVE TER 1 METRO DE ALTEURA, PARA SERVIR DE BARRICA. PLACA - 33 DELEGACIA.

40 - COXA DE CASA MODESTA, COM PORTA NA PAREDE DO FUNDO E PORTA NA PAREDE DA DIREITA.

A

C

A

R

T

C

H

A

W

H

H

NOTAS - (Os de costume)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em: DET da PLACA DA CARTOMANTE
 ANASTASMENTO até P.M. de FELISBINA E NICO
 conversando na calçada, à frente da casa
 FACHADA DE CASA MODESTA -

FELISBINA - O que é que o senhor anda fazendo por aqui, seu Nico? Também vem na cartomante?

NICO - Na cartomante, não! Que é isso contigo, dona Felisbina? Deus me livre!

FELISBINA - Por que? O senhor não acredita?

NICO - Dona Felisbina, eu vou lhe dizer uma coisa: eu só acredito naquilo que vejo e assim mesmo, com muita coisa que eu vejo e ainda duvido.

FELISBINA - Ah, não, seu Nico, se o senhor vê a curiosa é porque não quer acreditar. E nesse caso, não existe te mesmo. Eu, por exemplo, já sou muito diferente.

NICO - Senhora acredita em tudo que lhe contam?

FELISBINA - Em tudo, não digo, mas há coisas que a gente não pode duvidar.

NICO - (TROÇANDO) Por exemplo... as bruxas e seus poderes, as almas do outro mundo, os coi-tatás...

FELISBINA - As cartomantes...

NICO - Não, não, não, é que eu não acredito nada. Acho que não passam, todas de, umas boas espertalhões, que vivem a explorar a boa fé dos incautos.

FELISBINA - (APONTA PARA A PLACA) Essa que eu frequento, é Zornidivri. Se o senhor consultasse uma vez com ela, nunca mais deixaria de procurá-la. Ela dá uma coisa, tudo, tudo, tudo.

NICO - (CORRENDO) Não, não!

FELISBINA - Tudo! É impressionante! Não conta que aconteceu, o que está acontecendo e o que vai acontecer.

NICO - (INSCRITAMENTE) Não sei como é. Ela diz o passado, diz o presente e prevê o futuro. Nos folhetos de propaganda é assim que ela diz.

FELISBINA - Eu não sei se todas serão boas, mas essa eu posso garantir que é especial. (POE) Eu vou lhe dizer uma coisa confidencialmente: quando eu quero saber as coisas do meu marido, é só vir aqui.

NICO - E ela conta?

FELISBINA - Claro! Se não contasse, eu não vinha.

NICO - Acho mal feito.

FELISBINA - O que? Se vir aqui saber?

NICO - A senhora viu aqui, não tanto, ela contar o que eu acho muito pior.

FELISBINA - Não sei por que. Pois se a gente paga para ver as cartas e elas marcam as coisas, a cartomana não pode deixar de dizer. Se o fizer, está arriscado até a perder o bom que tem. Pelo menos é o que elas dizem.

NICO - Esperte uma bobagem e ela lhe contou algumas coisas que seu marido tivera confessado?

FELISBINA - Óh, seu Nico, mas então o senhor acha que ele ia confessar alguma coisa? É claro que não sempre.

NICO - Mas a senhora prefere acreditar nas cartas?

FELISBINA - Lógico. As cartas não mentem jamais.

NICO - Ah que se a minha mulher quisesse me aconselhar eu consultaria essa tal de cartomante e acho, por sua vez, coisa de senhora ainda maior, de inventar coisas a meu respeito... ou nem sei o que seria capaz de fazer.

FELISBINA - Sem Nico, eu vou lhe dizer uma coisa: o senhor é de coração bom marido que nenhuma mulher que, paga o Deus que a sua família procure a Madame Titó, porque ela botará logo os seus pés na rua. Mas então lhe diga: ela conta as patifarias com todos os seus detalhes.

NICO - Dona Felisbina, agora quem vai lhe dizer uma coisa, sou eu. Eu faço as minhas sujeirinhas e não acredito que haja marido que não faça, mas mesmo que eu fosse um santo e a minha mulher viesse aqui para investigar, a cartomante ia inventar, de mesma maneira, coisas que eu nunca fiz.

FELISBINA - Inventar, não, seu Nico. Ela...

OS DOIS OLHAM PARA UM DETERMINADO LADO E FICAM CALADOS, ACOMPANHANDO COM O OLHAR O PASSAR DE UMA SENHORA BLOQUEIAMENTE TRAJADA. ELA PASSA SEM OLHAR PARA OS OUTROS E DESSA PARECE DE QUADRO. OS DOIS VOLTAM AO ASSUNTO.

FELISBINA - (BAILANDO) O TOE E FAZENDO SINAL PARA A BARRA) Está é a terceira vez que ela passa aqui, e menos de meia hora. Isto que está rondando a casa de cartomante e não se atreve a entrar.

NICO - Não é lá. Não ou não, não é, porque se ela não entrar ela não ganha dinheiro.

FELISBINA - Mas garanto que ela prefere gastar e ficar sabendo o que é coisa. XIX

NICO - Eu acho sempre melhor a gente não saber as coisas que possam causar horrorosamente.

FELISBINA - Pois eu já penso diferente. Ainda muito

FELISBINA --(CONT.) Ache muito triste a gente viver enganada. Por isso prefiro vir aqui, gostar o meu dinheiro, mas ficar sabendo todas as sujeiras que o meu marido faz.

NICO - Puxa vida, que se ela visse na sanieira de inventar coisas a meu respeito, para a minha mulher, ou mesmo contar coisas que eu realmente tivesse feito, ela nunca mais fazia isso para ninguém.

FELISBINA - Por que? O que é que o senhor fazia?

NICO - Meu meu queria saber. Eu vinha aqui e demonstrava o consultório dela na mesma hora. Depois dava-lhe uma surra, que ela, durante muitos dias, não ia poder nem sentar.

FELISBINA - Mas e a polícia? O senhor acha que ia fazer isto e não ia lhe acontecer nada?

NICO - Não interessa a polícia nem o que pudesse acontecer. Inda que eu ficasse preso uma porção de dias, ela nunca mais se ia lembrar de acusar ninguém dos ninguém.

FELISBINA - Orado, seu Nico! O Senhor tinha mesmo coragem de fazer uma coisa destas? Não ia ter medo?

NICO - Medo de que?

FELISBINA - Ora, medo de quê? Uma mulher que tem pacto com o diabo.

NICO - Mas a senhora ainda acredita nisso dona Felisbina?

FELISBINA - Mas como é que eu não vou acreditar, se todo o dia estou vendo?

NICO - O quê? A senhora vê o diabo todo o dia?

FELISBINA SE BENZE ATRUSSADA, COM EXPRESSÃO DE HORROR

FELISBINA - Crede em Cruz, Virgem Maria! Deus me livre e guarde de algum dia, na minha vida, de defrontar com esse excoimungado. Te-lo-funil longe vá o esse. Que a lança do São Jorge soldado, afaste sempre de mim o tinnhao.

NICO - Mas a senhora não disse que está vendo todo dia? Então, nesse caso, o que é que a senhora está vendo?

FELISBINA - As coisas que eu sempre tinha adivinhado. Se o senhor sabe que não são as cartas que dizem, então como é que ela pode saber? A verdade é que...

FELISBINA OLHOU PARA O BATO CRIAR BORA A SENHORA ELEGANTE, INTERROMPE O QUE ESTAVA DIZENDO E COTUCA NICO, FAZENDO MENÇÃO COM A CABEÇA PARA ELA. OS DOIS FICAM OLHANDO, ACOMPANHAM-SE COM O OLHAR. ELA PASSE SEM OLHAR, COMO QUEM NÃO QUER NADA. PASSEOU.

FELISBINA - (MEIO TOM) Não vamos sair daqui, porque essa bobalhona está desesperada para entrar e não se anima por nossa causa.

NICO - Base, com certeza, é do cordão das que escondem tudo do marido. Tem medo de ser denunciada.

FELISBERTA - Bobalhona. Vamos conversar lá na equi-
na, para deixar a infeliza entrar.

NICO - Não, não, eu vou embora que já conversei mu-
to tempo e a patrão já deve estar extranhando e mi-
denora.

FELISBINA - Neste caso eu vou me embora, que assim
ele entra duas vez e não incomoda. Adeusinho, seu
Nico! Recomendações para a sua velha.

NICO - Obrigação, dona Felisbina. Recomendações de
casa, também.

FELISBINA E NICO APARTAM-SE AS MÃOS E SECUREM CADA UM PARA
O SEU LADO. HÁ UMA PAUSA EM QUE O CENÁRIO PERMANECE VASTO.
GRACIEMA TEM DO LADO EM QUE ESTAVA E CHEGANDO NA PORTA PA-
RA. OIEM APRESENTA PARA UM E OUTRO LADO E POR FIM ENTRA,
FECHANDO RAPIDAMENTE A PORTA.

APROXIMAÇÃO até DET. da PLACA NA PORTA

CORTE

P.M. de Suzy e Fredy, sentados ao fundo da
SALA DE ESPERA, com intervalo de suas ca-
deiras entre os dois. Ela está lendo e ele
fumando. Há uma pausa. Os dois olham para a
câmera, ao mesmo tempo, como se tivessem visto
alguém. Cumprimento, de cabeça, apenas.

SALA DE ESPERA.

ENTRA PELA CÂMERA GRACIEMA QUE LOGO SE SENTA NA SALA DAS Cadeiras
LATERAIS. ESTÁ SEM GRUPO, INQUIETA E NERVOSA OLHA, CONSTANTE-
MENTE, PARA A PORTA QUE LIGA AS DUAS SALAS. O RAFAZ OBSERVA-A
A MOÇA, QUE VOLTOU À LEITURA, DE VEZ EM QUANDO PARA DE LER E
OLHA-A POR CIMA DO LIVRO.

CORTE para DET que liga as duas

SALAS.

A PORTA ESTÁ FECHADA, MAS, LOGO A SEGUIR, SE ENTREABRE E SE
VÊ APENAS A CABEÇA DE MADAME TITAN. COM UMA TONHA BEM VISTO-
SA, ORNAMENTADA COM ARGENTES E PEDRAS. SUA ROUPA, DE AINDA
NÃO SE VÊ, É NO ESTILO DAS BAYALDEIRAS ORIENTAIS, CALÇES DE
SEDA OU SARI, CONCELINTE BORDADO, FAIXA DE LAMBIDO SANDÁLIA DE
PEDRAS COM RICO ARREBITADO. ESTÁ CHEIA DE ANÉIS, FULGURAS,
COLARES. E VISTOSOS BRINCOS. ELA VÊ GRACIEMA E SORRI. ALIÉVEL.

TITAN - Ah, madame já está aqui é minha esperanças
Tenha a bondade de passar.

GRACIEMA LEVANTA, ENTRA PARA A SEQUEDA DA SALA E TITAN
FECHA A PORTA. O RAFAZ E A MENINA SE REINTEGRAM. DURA

(CONT.) DESAGRADADOS. O RAPAZ HUDA LOGO DE CADEIRA, VINDO PARA A QUE ESTÁ AO LADO DA MOÇA E COMEÇA A FALAR.

FREDDY - A senhorita viu que coisa mal feita? Nós chegamos primeiro. Quanto tempo a senhorita está esperando?

SUZY - (OLHANDO A PULSERA DO RELÓGIO) Mais de meia hora.

FREDDY - Ex ou, antes da senhorita chegar, já estava aqui. Como é que ela recebe a última que chega e nos deixa para trás? Esse negócio não está certo. Eu acho que vou bater ali e vou reclamar.

O RAPAZ CHEGA A ESBOÇAR O MOVIMENTO DE LEVANTAR, MAS A MOÇA BALA LOGO E ELE VOLTA À SUA POSIÇÃO.

SUZY - Não espere. Sabe o que é que pode ser? Talvez ela tivesse hora marcada. Com certeza vai pagar mais pelo privilégio de ser atendida antes.

FREDDY - Não, mas que diabo... ela, pelo menos, podia dar uma satisfação pra gente, não lhe parece?

SUZY - Claro. Nós não sabemos se a senhora tem hora marcada ou não tem. O que sabemos é que ela foi atendida e nós continuamos esperando.

FREDDY - E a senhorita acha isso difícil ou não acho. Não custa nada ela dizer: esta senhora está com hora marcada e por isso vou atendê-la, primeiro. Pronto nós já já não podemos reclamar nada.

SUZY - Com certeza deve ser gente muito importante, muito rica, ela quando viu ficou aliadinada e nem se lembrou mais dos clientesinhos algarúdas.

FREDDY - A vontade que eu tenho é ir embora e deixar esse negócio. Não quero o desejo de saber se alguma senhora é aliada para mim, dá ou fora agora mesmo e nunca mais aparecer aqui.

SUZY - Ah, você veio aqui por causa da sua namorada?

FREDDY - Vim. Por que?

SUZY - Porque eu também vim por causa do meu. E talvez para saber se ele é sincero (RI) coincidência, não é mesmo?

FREDDY - Eu adoro a minha namorada. Não posso nem pensar em ela sair para outro, porque eu só quero, só quero; só quero e só vivo na função dela. Vou lhe dizer mais: Para mim, o mundo não tem garotas. Olha para todas e elas são o mesmo que boneca para mim.

SUZY - Não diga! Que coisa formidável!

FREDDY - Para mim não tem outra: só existe a minha.

SUZY - Já que eu não tenho mais nada, vou a lá reclamar?

FREDY - Não diga! É verdade?

SUZY - Verdade, sim.

FREDY - Coincidência, não é mesmo?

SUZY -(ALEGRE) E já é a segunda, não sei se você reparou.

FREDY - A segunda? Qual é a primeira?

SUZY - Pois não viemos aqui, os dois, para saber se os noivos memorados são sinceros?

FREDY - Ah, sim, sim... tem razão. Não me lembrava mais.

SUZY - Pois eu com o Luiz também sou assim com você com... (CORTA. TOM) Como é o nome da sua garota?

FREDY - Lídia. Não é um nome bonito?

SUZY - É, sim. Eu tive uma tia que tinha esse nome.

FREDY -(RINDO) Terceira coincidência.

SUZY -(RINDO) É mesmo! Que coisa interessante! (TOM) Mas como eu estava dizendo, eu com o Luiziano sou tal qual como você com a Lídia: como, duro, ando e respiro pensando nele. Não posso nem imaginar que ele é que um tiquinho do meu pensamento a qualquer outra mulher. E também estou aqui para saber si ele é sincero comigo.

FREDY - A gente quando gosta de uma pessoa não pode gostar de outra; não lhe parece?

SUZY - É claro. O coração só tem lugar para um amor. Se existem dois, nenhum deles é verdadeiro.

FREDY - Exato. Eu vejo... (CORTA. TOM) Como é mesmo o seu nome, que eu ainda não sei?

SUZY - Meu nome mesmo é Susana, mas o Luizinho me chama de Suzy. Ele disse que não gosta de me chamar como todo mundo.

FREDY - Que coisa interessante!...

SUZY - O que?

FREDY - Eu talvez tenha uma prima que se chama Susana e o nome dela trata-se por Suzy.

SUZY -(RINDO) Mais uma coincidência. Já não sei mais se é a quarta ou a quinta.

FREDY - É a quarta.

SUZY -(RINDO) Agora só falta eu ter também um parente com o seu nome. Como é que você se chama?

FREDY - Fredy.

SUZY DESMATA A RIR COM VOLTADA POR ALGUNS MOMENTOS.

FREDY -(DESCOMFIADO) Que fofo! Achou assim tão engraçado o seu nome?

SUZY - Não. Estou se rindo porque esta é a quinta coincidência.

FREDY - Não vá me dizer que também tem um primo com esse nome.

SUZY -(RINDO) Um primo, não. Mas o meu padrinho se chama assim.

FREDY - Você está falando sério, ou está brincando comigo?

SUZY - Não estou brincando, não. Juro-lhe como é a verdade o que disse.

FREDY - E você não acha impressionante esse número de coincidências entre nós dois?

SUZY - Acho, sim. Estou até começando a ficar abufada.

FREDY -(PAUSA) Que pena que nós não nos encontramos antes, não é?

SUZY - Como, antes?

FREDY - Bem... quer dizer... antes do Luizinho... e da Lídia.

SUZY -(MEIO CONSTRANGIDA) É...

FREDY - Diante de tantas coincidências... quem sabe se os nossos gênios também fossem parecidos...

SUZY -(IDEM) É...

SUZY ESTÁ NERVOSA, AGITANDO AS MÃOS E DEIXA CAIR A BOLSA SINHA QUE TEM NO COLO, CURVA-SE PARA APANHÁ-LA AO MESMO TEMPO QUE FREDY. ELA AO SEGURAR A BOLSA, TEM A SUA MÃO COBERTA PELA DELE. PERMANECEM ASSIM UM MOMENTO. ELE FALA, SEMPRE CURVADO.

FREDY - Quer deixar que eu levante a sua bolsa?

SUZY - Não é preciso, obrigado.

FREDY - Faço questão.

SUZY - Mas eu já peguei.

FREDY - E não pode soltá-la?

SUZY - Para que?

FREDY - Óra, para que! Para se dar a oportunidade de lhe fazer uma gentileza.

SUZY - Obrigada. Valeu a intenção.

FREDY - Não se conforme. Por que há de me querer privar desse prazer? Custe-lhe muito soltar a bolsa?

SUZY - Bem... quer dizer... custar não custa.

FREDY - Então por que não solta?

SUZY - Porque uma vez que eu já peguei, não vejo necessidade de soltar, unicamente para que você a segure.

FREDY -(TERNOC) Óra, vamos... não seja máxinha.

SUZY - Está bom, não quero que você, depois possa se queixar de mim.

SUZY RETOMA A MÃO DA BOLSA E VOLTA A SENTAR DIREITO. ELE,

(CONT.) ELE, SORRIDENTE, PEGA A BOLSA, ENDIRMITA-SE
TAMBÉM NA CADEIRA E ENFEREGA-A À MENINA.

SUZY - Obrigada, cavalheiro. Não era preciso tanto
incômodo por minha causa.

FREDY - Não foi incômodo, foi um prazer muito gran-
de, pode crer.

SUZY - (INSINUANTE) Mas se a sua Lídia soubesse, es-
tau certa de que não haveria de gostar.

FREDY - Sabe que eu não estou me lembrando mais de-
la?

SUZY - Mentiroso.

FREDY - Mentiroso? Achê que sou mentiroso porque di-
go o que sinto?

SUZY - Mentiroso não pido, mas desongelô. Quer me
conversar de que, por minha causa, esqueceu sua Lí-
dia, em função de que você está aqui, preso, vivo e bem-
parado?

FREDY - E por que não? Se quiser, posso jurar.

SUZY - Pois então jure. Quero ver se tem caráter.

FREDY - Juro, deixe ver porque... juro pelas obriga-
ções de Cristo.

SUZY - Que horror! Você não tem medo?

FREDY - Se estivesse jurando falso, talvez, mas como
estou dizendo a verdade, não temo. E agora eu quero
ver você: terá a coragem de continuar fingindo que
não me acredita? Jura que não me acredita, quero ver.
(PAUSA) Vamos, jure.

SUZY - Não posso jurar porque eu também já conheço a
me interessar muito por você.

FREDY - É mesmo, Suzy? Você tem certeza de que eu
não lhe sou indiferente?

SUZY - Certessa absoluta, Fredy.

FREDY - Mas neste caso, para que continuamos a per-
der nosso tempo nesta sala vazia? Se já não nos
portam a Lídia e nem a Luíslêbe, para que permanecemos
aqui nos não esquecerem ou não?

SUZY - É, não tem razão.

FREDY - Você não acha que é muito mais proveitoso
procurarmos um banco de pragas?

SUZY - Ótimo idéia, Fredy.

FREDY - Vamos, então.

FREDY LEVANTA, PEGA SUZY PELA MÃO E SAEM PELA CÂMERA.
A CÂMERA SE FIXA NO DEZ DAS CADEIRAS VAZIAS.

CORTE

DET. da FACHADA DA CASA (PORTA)

OS DOIS ABREM A PORTA E SAEM.

APROXIMAÇÃO DE DET da PLCA da CARTOMANTE

AUDIO - MUSICA PARA ENCERRAMENTO 1º ATO.

SUPERPOSIÇÃO

FIM DO 1º ATO.

RETIRA SUPERPOSIÇÃO

ESTAMOS APRESENTANDO

A CARTOMANTE

ORIGINAL EM 3 ATOS

DE ERICO GRAMER

= FIM DO 1º ATO =

Original em três atos de Êrico Câmara

SEGUNDO

ATO

AUDIO - MUSICA PARA TEMA DO 2º ATO

ABERTURA em DET. de GRÃO DE CAVEIRA
AFASTAMENTO até P.º de SAETA DA CAR-
TOMANTE, com bico oriental, bola de
cristal, buxo, baralho, mesinha, almof
fadoes (2) Jarra com água, copos (2).

-SALA DA CARTOMANTE -

TITAN (BOTANDO AS CARTAS) As cartas estão revelando
que a senhora está muito contrariada
com o namoro de seu irmão. Não é verdade?

GRACIEMA - É verdade, sim.

TITAN - A senhora não faz gosto por que a menina não
está na altura que a senhora desejou para casar com
seu irmão. Não é verdade?

GRACIEMA - É verdade, sim. A menina é boazinha, é de
família direita, gente boa, trabalhadora e etc., mas
afinal eu fiz uma força tão grande para adquirir a po-
sição que tenho hoje na sociedade, que não posso admitir
que meu irmão, que teve o caminho todo aplainado
por mim, despreze as moças de nossas relações, para se
casar, afinal, com uma pobre coitada, sem a menor pro-
jeção social. A senhora não acha que eu tenho razão?

TITAN - Não, não, Madame, não. Mas a senhora não se
preocupe, porque este namoro é a coisa mais fácil de
se desmanchar com ele. Até casamentos, depois de re-
alizados, eu tenho desmanchado, com a maior facilidade,
por que não hei de fazer o mesmo com um namorinho
sem importância?

GRACIEMA - Ah que bom que a senhora se diz socialista
a amiga que me aconselhou a procurá-la, garantiu-me
que a senhora acabaria com a minha preocupação em que-
rão de quinze ou vinte dias.

TITAN - Talvez até antes, quem sabe?

GRACIEMA - Que bom! Mas sabe o que minha amiga me con-
sultou? Que ela não se dava com a obra e queria afastar-se.

GRACIEMA --(CONT.)...do filho. Disse que a senhora fez a separação em menos de dois meses.

TITAH - (RINDO) Foi bater e valer. E sabe como fiz o trabalho?

GRACIEMA - Diga.

TITAH - Com um casal de pompos brancos.

GRACIEMA - Que interessantes!

TITAH - Fiz um despacho numa encruzilhada que, em menos de trinta dias, ela veio aqui, espontaneamente, presentear-me com trinta mil cruzeiros.

GRACIEMA - Que coisa esformidável...

TITAH - Eu não queria receber o dinheiro, mas tanta foi a insistência dela, que eu acabei cedendo. Sim, porque eu não devo cobrar e não cobro, e não ser as consultas, é claro e as coisas que compro para fazer os despachos, mas fora disto não.

GRACIEMA - Compreendo, compreendo.

TITAH - Agora, quando a pessoa é bem sucedida e me quer dar uma gratificação de uma importância melhor quase todos dão--eu acabo para distribuir com os meus pobres. É satisfação para quem dá e uma caridade de que eu faço.

GRACIEMA - Compreendo, compreendo. Eu também quero dar boas importâncias para os meus pobres, se for bem sucedido.

TITAH - A senhora serva, não tenha dúvidas.

GRACIEMA - Pois então já pode contar com trinta mil cruzeiros de minha parte, também.

TITAH - Eu sempre tenho obras de caridade e minha esposa. Quer ver? Hoje mesmo eu ainda tenho que arranjar uma certa quantia, para não deixar que seja despejada uma certa viúva pobre e deante e que esta não tenha meios de sobreviver ao aluguel de sua casa.

GRACIEMA - Bem, se a senhora tem tanta necessidade de conseguir hoje esse dinheiro, eu não me importo de lhe dar um adiantamento. Qual é o total do aluguel em atraso?

TITAH - Uma ninharia, Madame. Uma ninharia. Trés meses de atraso e de mil cruzeiros, por isso o total de seis mil cruzeiros.

GRACIEMA - Mas a senhora me garante o pagamento do número de minha irmã, não me garante?

TITAH - Claro que garante. Mas eu não estou lhe dizendo isto para que a senhora me dê qualquer importância. Eu posso arranjar com a maior facilidade. Mas tenho o dinheiro e não tenho muitos amigos.

GRACIEMA - Não, não, mas para mim tanto faz dar depois os trinta mil, como dar um pouco hoje e o resto depois do trabalho feito. A minha questão é ter certeza que o trabalho sairá feito.

TITAH - Pode estar absolutamente segura. E se por infelicidade acontecer que a senhora não seja feliz, o que seria uma desmoralização muito grande para mim, eu lhe devolverei o dinheiro que a senhora adiantou.

GRACIEMA - Pois então não há mais razão para qualquer dúvida.

GRACIEMA ABRE A CORTINA E TIRA ALGUMAS NOTAS QUE, DEPOIS DE CONTADAS, ENTREGAS NA MÃO DE TITAH QUE ESTEVE TO DO O TEMPO ESPIANDO A CARTEIRA DA OUTRA COM OS OLHOS COBIÇOSOS. A OUTRA AINDA NÃO ENTREGOU AS NOTAS E TITAH JÁ ESTÁ COM A MÃO ESTENDIDA, MOSTRANDO CLARO A SUA GANANCIA.

TITAH - (COM A MÃO ESTENDIDA) Eu não devia aceitar... não devia aceitar... A senhora já pagou a consulta, o trabalho ainda nem sequer foi começado.

GRACIEMA - Não tem importância, ainda adiantou-me esse dinheiro com prazer.

TITAH - Como a senhora insiste tanto, eu também não quero ser grosseira.

TITAH COLOCA O DINHEIRO NO DEPOSA DO VESTIDO AO TEMPO QUE VAI FALANDO PARA GRACIEMA.

TITAH - Pai Clementino e Mãe Bastos, os meus guias dos trabalhos, não se lhe esquecerem, pode estar bem certo. Vamos então seguir ao que falta. O endereço do menino que a senhora ainda não me deu.

GRACIEMA - Ah, sim, é verdade. Eu tenho aqui um cartão.

GRACIEMA ABRE A BOLSA, PROCURA UM CARTÃO E ENTREGA-O A TITAH. ELA OLHA-O E DEPOIS GUARDA EM QUALQUER LUGAR.

TITAH - Preciso, agora, um fio de cabelo feio, que a senhora, de qualquer jeito, tem que me arranjar.

GRACIEMA - Não é difícil. Pelo contrário, é muito fácil, até. Ela percebe que com uma das mãos a cabeça no ombro dele percebe rapidamente, eu estou tirando fio de cabelo do cascão do rapaz. Em vez de jogar fora, guardo a cabeça.

TITAH - Isto mesmo. Um só chega. Não precisa mais. Eu tenho que cortar o fio pelo meio e reparar os dois pedregos, um em cada lado. Os dois tem que ficar bem longe um do outro. A senhora vai ver... vai ver como são feiosos.

GRACIEMA - Eu ficarei tão feliz, tão feliz que nam
se eu que serei capaz de fazer pela senhora. Serei
sua amiga dedicada, para o resto de sua vida, ou
de minha.

TITAH - Oh, merci, madame, merci. A senhora é uma
pessoa de um coração excelente.

GRACIEMA - Eu tenho desespero de me lembrar do meu
irmão casado com aquela locona. Não quero e não que-
ro. Ela vai casar com a moça que eu escolher.

TITAH - Exatamente. Ela vai casar com a moça que a
senhora escolher pela força do despesche que eu vou
fazer.

GRACIEMA - Bem, madame Titah, eu agora vou que já
se faz tarde. Adensinho então a muito prazer em co-
nhecê-la.

TITAH - Oh merci, o prazer foi tudo meu, pode
cre.

TITAH ABRE A PORTA DE COMUNICAÇÃO DAS DUAS SALETAS E
GRACIEMA SAI. TITAH FAZ A PORTA E FICA SORRINHO COM
EXPRESSIONE MATRIZAL. TIRA O DINHEIRO DO SEIO, OLHA-O E
DESATA A RIR COM VONTADE; MAS ABAFANDO O RISO PARA NÃO
SER OUVIDO PELA OUTRA.

CORTE

SAI de GRACIEMA, na porta da BACHADA
OLHANDO PARA UM LADO E PARA OUTRO. SAI.
FECHA A PORTA, RAPIDAMENTE.

CORTE

SAI de TITAH, contendo dinheiro.

TITAH TERMINA DE CONTAR, GUARDA O DINHEIRO OUTRA VEZ
NO BOCAL. VAI EKKK NA PORTA DO SEIO DAS DUAS SALETAS,
ESPIA VE QUE NINGUEM NÃO VEM NINGUEM E DESATA AS GARGALHA
DAS, LINDO PARA O CRÂNIO E PALANCO COM ELL.

TITAH - Será que tá também forte assim um troço
se como ele é? Não me parece. Tu tens a testa de
quem foi inteligente.

PROXIMAÇÃO até DET do CRÂNIO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL VIBRANTE.

OLHO com DET de PEÇA DA CANTONIANTE
BACHADA DE CASA HUMILDE -
SANTUÁRIO até P.R. de ELIZABETH que
está na frente da porta, indolente.

ELIZABETH OLHA A PEÇA. OLHA A RUA PARA UM LADO E PARA
OUTRO, VE QUE NÃO VEM NINGUEM. E ENTRA, SEMPRE RECOSA E
DESCONFIADA.

PROXIMAÇÃO até DET da PEÇA

da SALTA DE ESPERA, DA COMPANHIA
 ARIA - SALTA DE ESPERA.

ELISABETH ENTRA PELA CÂMERA. FICA PARADA UM MOMENTO
 INDECISA. SENTA. LEVANTA. BATE NA PORTA DE COMUNICA
 ÇÃO. FAUSA. A PORTA SE ENFRE ABRE E TITAN PÕE SÓ A
 CABEÇA PARA FORA.

TITAN - Ohi Mademoiselle?

ELISABETH - A senhora é Mademoiselle Titah?

TITAN - Ohi, quise que você fosse?

ELISABETH - Eu sou Elisabeth Prance. A senhora
 não me conhece.

TITAN - Ah, ohi, ohi. Passes, mademoiselle. Pas
 ses.

TITAN ABRE A PORTA PARA ELISABETH PASSAR. ELA PAUSA
 E TITAN FECHA A PORTA.

TITAN - Venha. Pode sentar-se aqui, perto de
 mim. Não ficou surpreendida com o meu chamado?

ELISABETH - Muito. Confesso-lhe, até que tive
 medo, mas depois falei com uma amiga que já
 conhecia a senhora e ela me disse que eu podia
 vir com confiança porque eu conhecia bem a se
 nhora e que eu não precisava ter o menor receio.

TITAN - É claro. Eu não estou aqui para fazer
 mal a ninguém. Pelo contrário. Podendo fazer
 o bem eu faço. Como é o seu caso, por exemplo.
 Deve por que mandei chamar a senhora aqui?

ELISABETH - Não. E confesso-lhe que estou bem
 tanto curiosa.

TITAN - Uma irmã do seu nome mora em
 Genebra, não é verdade?

ELISABETH - Naturalmente. Como sabe?

TITAN - Porque ela esteve aqui me consultando.
 E sabe o que ela queria?

ELISABETH - Como posso saber?

TITAN - Desconheço o seu nome e o nome
 dela.

ELISABETH - Não, senhor. Será possível?

AUDIO - ACCORD DE PAULADA MUSICAL.

ELISABETH - Não, senhor. Será possível?

TITAN - Ofereço-lhe um presente muito bonito
 com tudo? Querente um exemplar?

AUDIO - ACCORD DE PAULADA MUSICAL.

TITAN - Mas se o senhor quiser pagar
mas, eu vou de bom grado e nem faço
nem que se não me dá a ideia.

ELIZABETH - Mas se não tenho dinheiro, Hei de
Eu não posso.

TITAN - É preciso fazer que eu faça questão de
de dinheiro para mim, mas é que eu tenho de
nem poder, então é para isso que eu tenho
deu. Para não me deixar sem dinheiro
nem porque não posso pagar as despesas
de trabalho e de casa.

ELIZABETH - (Sorrindo) Mas então a minha filha
de dinheiro para fazer as despesas de

TITAN - Isso não é possível, por isso não posso
deixar a filha sem dinheiro.

ELIZABETH - Não sei se vou fazer uma sugestão
para a filha não se deixe sem dinheiro
para a filha não se deixe sem dinheiro
para a filha não se deixe sem dinheiro

TITAN - Não, não posso. Não diga que
de dinheiro para a filha não se deixe
de dinheiro para a filha não se deixe
de dinheiro para a filha não se deixe

ELIZABETH - Mas se não tenho dinheiro, Hei de
Eu não posso.

TITAN - É preciso fazer que eu faça questão de
de dinheiro para mim, mas é que eu tenho de
nem poder, então é para isso que eu tenho
deu. Para não me deixar sem dinheiro
nem porque não posso pagar as despesas
de trabalho e de casa.

TITAN - Mas se o senhor quiser pagar
mas, eu vou de bom grado e nem faço
nem que se não me dá a ideia.

ELIZABETH - Mas se não tenho dinheiro, Hei de
Eu não posso.

TITAN - É preciso fazer que eu faça questão de
de dinheiro para mim, mas é que eu tenho de
nem poder, então é para isso que eu tenho
deu. Para não me deixar sem dinheiro
nem porque não posso pagar as despesas
de trabalho e de casa.

ELIZABETH - Mas se não tenho dinheiro, Hei de
Eu não posso.

TITAH - (CONFUSO)... Ela dar uma sorte maluca.

ELISABETH - Mas éle vai sentir falta do suel. O que é que eu vou dizer?

TITAH - Diga que perdeu, finja-se muito trista. te que a senhorita ganha outro anel e depois quando áste estiver preparado, diga que apay receu de novo pronto.

ELISABETH - (Mirando o anel do dedo) É mesmo. bôa ideia! É como é que a senhora prepara o anel?

TITAH - Deixo éle enterrado na praia durante três ou quatro meses.

ELISABETH - Ohi, quanto mais éle ficar enterra do, com mais poder éle fica.

ELISABETH - Que interessante!

TITAH - Todas as semanas eu vou lá no lugar on de éle está e faço muitas preces porra a sua nha do mu. No fim desse tempo, numa noite de lua cheia, na hora de morrer suar, eu desenterra o suel e éle fica com toda a força do mu.

ELISABETH - Ótimo! É quando é que eu preciso voltar aqui?

TITAH - Quando tiver o dinheiro para os meus pobres. E enquanto isto, eu vou trabalhando porra preparar o seu suel talman. Combinado, madame?

ELISABETH - Combinado. Madona. Assim que o dinheiro me entregar a importância que lhe vou no dia, eu virei correndo trazer á senhora. Vou dar uma lição na minha futura cunhada que ela não há de se esquecer nunca mais.

TITAH - Temos nos rir as duas jantar que vai ser um gozo. (RI)

ELISABETH - Até outro dia, então Madame.

TITAH - XXX Adeus, madame.

ELISABETH, ENTRA PELA PORTA QUE LIGA AS DUAS SALETAS, PUCINDO DE QUADER. TITAH FICA COM UM SORRISO EXAGERADO E FINGIDO SEGURANDO A PORTA. DÁ UM ABUSINHO COM A MÃO E FECHA A PORTA.

TITAH - Eu disse que não ia rir as duas e verdade é eu quem vai rir vou eu mesma. É que vou rir dos seus...

TITAH COLA A CARBALENAR COM YONADE, DOBRANDO O BICO DO CANO DO F. DE TITAH, FICANDO...

ACTO II - PASSAGEM MUSICAL

TO COM A S. DE ELISABETH, BRIGANDO...

FELISBINA ESTÁ BATENDO UMAS OLHAS QUE ESTÃO
EM PONTO DE NEVE. AO TEMPO QUE BATE, DISCUTE

FELISBINA - Tinoco, eu sei que você está me en-
ganando com uma mulher morena e baixinha. Quero
saber quem é essa mulher, Tinoco. Quero saber
e você vai dizer.

TINOCO - Felisbina, você está ficando maluca,
mulher? Quem é que lhe meteu essa mania idiota
na cabeça?

FELISBINA - Ninguém me meteu nada na cabeça. Eu
mesma é que descobri.

TINOCO - Mas descobriu como? Descobriu o que,
se não há nada para descobrir?

FELISBINA - Foi dia, que não há! Se não houver
se, você não teria ficado vermelho que sem um
cuidado, quando eu falei. E além disso, você
gaguejou e não soube o que responder. Limitou-
se a negar.

TINOCO - Mas o que é que você queria que eu fi-
zesse? Que confessasse que não é?

FELISBINA - Tinoco, Tinoco, você está
conseguido a me tirar da paciência, homem! Por
que não confessa logo, em vez de persistir na
negativa?

TINOCO - Não confesse porque não tenho o que
confessar, mulher.

FELISBINA - Mulher, não, ouvia? Fale lá como
Xela. Eu exijo respeito.

TINOCO - Ah, não é mulher? Desculpe, eu pensei
que fosse.

FELISBINA - Sou uma senhora, ouvia? Uma senhora
dobre a língua, quando disser o meu nome.

TINOCO - Está bem, já conheço Senhora. Está su-
ficiente?

FELISBINA - Tinoco, não distancie. Você pensa que
vai me enganar, é? Você pensa que eu sou o que?

TINOCO - Uma senhora.

FELISBINA - (indignada, violenta) Chega, Tinoco.
Se você pensa que eu estou querendo brincar
está muito enganado. Não disfarce e trate de re-
ponder de que eu lhe pergunto quem é a mulher
morena e baixinha com quem você está se tratando.
Quero saber o nome dela, onde mora, e que faz
você.

TINOCO - Falemos de outra Felisbina, que eu sei
que não é a mesma que você está falando.

FELISSINA - Se eu dissesse, você me diz quem é um
mulher?

HÁ UMA FAUSA. TINOCO PENSA, RESOLVE AVENTURAR

TINOCO - Vê lá. Diga quem foi e eu lhe conta-
rei tudo.

FELISSINA - Foi a cartonante.

ÁUDIO - ACORDO DE SUSTO.

TINOCO - A se torzante? Que cartonante, pelo
amor de Deus?

FELISSINA - Uma cartonante francesa que tem
rua de Mirari órdia e que se chama Titch. Não
me contou todas as suas patifarias.

TINOCO - Ah então?

FELISSINA - Contou.

TINOCO - Todas as minhas patifarias?

FELISSINA - Todas as suas patifarias.

TINOCO - Pois então agora eu vou lá dizer a
la que patifaria é semear discórdia no lar de
um pobre homem pacato que nem sequer tem
engana a mulher, quanto mais dinheiro.

TINOCO AGARRA O CAFFÉ, BEBIA COM NAIVA ATÉ OS
OLHOS E SAI FURIOSO, BATEENDO A PORTA

FELISSINA - É só mesmo que ele não me enganou
ele falou com tal indignação, que eu até acho
que é verdade mesmo. Mas então a Madama, Titch
se enganou lá ou se carter, não sei.

PROXIMAÇÃO até G.P. de FELISSINA,
começando a bater as alavancas.

ÁUDIO - FINAL MUSICAL PARA O 2º ATO

REPENTE

FIM DO 2º ATO

CONTINUA

ESTAMOS APRESENTANDO

A CARTONANTE

ORIGINAL EM 3 ATOS DE TINOCO CHAMER

FIM DO 2º ATO

ADVENTURA EM: DEUS DAS MÃOS BOTANDO CARTAS

SALETA DE TITAH

AFASTAMENTO até P.A. de TITAH e TINOCO.

TINOCO ESTÁ MUITO ATENTO, OLHANDO ORA PARA TITAH,
ORA PARA AS CARTAS QUE ESTÃO SENDO POSTAS NA MESA

TITAH - Seu Tinoco, eu nem sei se devo lhe dizer o que as cartas estão me revelando.

TINOCO - Diga, diga... eu agora quero saber tudo.

TITAH - Mas é uma coisa tão séria... o senhor vai ter uma de ilusões tão grande, que parece ser franca, e tenho pena.

TINOCO - Não tenho pena, Madame, não tenho pena. Eu sou um homem acostumado. Já estou acostumado.

TITAH - Sabe por que a sua senhora lhe contou que eu tinha o hábito de fazer engenharia dela?

TINOCO - Como eu posso saber?

TITAH - Para espistar o que ela faz.

TINOCO - Para espistar o que ela faz?

TITAH - Oui, monsieur.

TINOCO - Não entendi bem. Quer falar mais alguma coisa, Madame?

TITAH - Oh, não! Deus! Minha desgraça de que eu estou falando, mostrando as coisas que ela faz.

TINOCO - A senhora quer dizer que a faladeira...

TITAH - ...engana o senhor.

ÁUDIO - ACORDA CÔMICO

TINOCO DÁ UMA GARGALHADA COSTOSA, ATIRANDO SE PARA TRÁS.

TINOCO - Não é possível! A senhora está brincando.

TITAH - Juramento, senhor. Eu estou dizendo a verdade.

TINOCO - Com aquela idade e com aquela aparência a senhora me surpreende mas eu não acredito.

TITAH - Com aquela idade e com aquela aparência o senhor não acha que nunca falta um chinelo na casa de um senhor?

TINOCO - Não, mas esta eu poderia ver, mas não acredito. Eu sei que se eu fosse falador eu não acreditaria. Quem é ele, o senhor, para dizer isso?

TITAH - Por que? O senhor quer tirar alguma coisa?

TINOCO - Que linguagem, coisa nenhuma! Parece que se quer tirar alguma coisa... Eu não acredito, não acredito... Eu não acredito...

TITAH - Eu vejo, aqui, um senhor de meia idade, alto e louro. É comerciante.

TINOCO - Comerciante alto e louro...deixa ver...Comerciante alto e louro...ah já sei deve ser o seu Antão-Engenheiro, um vendedor de casemiras que às vezes vai lá.

TINOCO SE LEVANTA PARA SAIR, EXTENDENDO A MÃO PARA TITAH QUE ESTÁ TODA SORRIDENTE PARA ELE.

TINOCO - Eu já paguei a consulta, não paguei.

TITAH - Pagou, sim senhor. Dois mil cruzeiros.

TINOCO - Mas ainda não lhe dei desculpas dos desfechos que lhe disse, quando o segui.

TITAH - Ora, isso não em importância...eu já estou acostumada.

TINOCO - Bem, mas eu confesso que me arredei. Também a senhora compreende... gente já vive, em casa, na boca dum vulcão. A mulher tem um gênio horrível. Uma pessoa botar mais lenha na fogueira, a vontade que se tem é de matar.

TITAH - Tu compreendes, senhor, eu compreendo. Mas tudo foi invenção dela. Eu não disse que o senhor enganava ela.

TINOCO - Mas foi bom. E males que vêm para bem. Agora quem vai botar as cartas na mesa sou eu. Passe bem, senhora. Obrigado.

TITAH - Passe bem monsieur. Merci beaucoup.

TITAH ABRE A PORTA E FICA ESPERANDO QUE ELA SAIA. ELE SAI. ELA FECHA A PORTA E COMEÇA A RIR COM A MÃO NA BOCA.

TITAH - Pronto. Está a enxada formada. Bem feito. Ela não tinha nada que dizer o que eu disse. Agora aguenta.

TITAH CONTA O DINHEIRO E BOTA-O NO DECOTE.

de TINOCO, na frente da fachada
CHAMADA DE CASA MODESTA -

TINOCO - Agora eu chego em casa, boto as cartas na mesa e me descarto dela. Já vivez o feitiço contra o feitiço. Acusa-me a ela, quando a criminosa era ela. Então isso é coisa que se faça?

INDICAÇÃO até G.P. de TINOCO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

até G.P. de PELISBINA, na frente

TITAH - SAÍDA DE TITAH.

PELISBINA - Então isso é coisa que se faça?

INDICAÇÃO até P.M. de PELISBINA e

TITAH - O que, senhor?

FELISBINA - O que ?? A senhora ainda me pergunta o que ?? A senhora é uma vigarista, uma intrigante, uma exploradora, uma mentirosa, uma mulher desclassificada.

TITAN TEM UM GESTO DE RÁPIDA NA PALAVRA DESCLASSIFICADA.

FELISBINA - Neste mesmo, que mulher desclassificada, uma mulher que para tirar dinheiro dos outros usa de todas as armas, jogando a gente na lama. Eu sou uma mulher direita, curvo bem e sou uma mulher direita.

TITAN - Mas o que é que eu tenho com isto que a senhora seja direita ou seja torta? Por que essa barruinha de todo na minha cara?

FELISBINA - A senhora não sabe não sabe? Pois não foi dizer ao meu marido que eu enganava com um senhor rico e louro? Ele me contou tudo.

TITAN - Eu não disse nada. Madama, quem diz são as cartas, não sou eu.

FELISBINA - As cartas, não é. Uma grande caluniadora é e que a senhora é. Caluniadora e demanteladora de casais. Por causa disso, o meu marido quer se deixar, depois de trinta e oito anos de casados, curvo bem? Mas não pense a senhora que isto vai ficar assim. Eu vou na polícia queixar-me da senhora e responsabilizá-la se meu marido chegar a abandonar-me.

TITAN - Pois vá na polícia e vá onde mais queixar que eu nem estou me importando, ou viu? Vá até se quiser ao diabo e achar melhor.

FELISBINA - Cínica intriga. Eu não sei onde estou que não te vou a cara. Mas tá vais te ver com a polícia. Ah, vaia!

TITAN - E a senhora pensa que eu tenho medo? Eu tenho muita gente grossa da polícia nas minhas mãos. Tenho como fazer a polícia calar. E agora tá dando o febre que eu tenho mais que fazer, curvo?

FELISBERTA - Eu vou. Mas aí da senhora se o seu marido me abandonar. Ai da senhora! Ele não presta pra muita coisa, mas não quem pode mandá-lo embora sou eu.

TITAN - Anda, anda... deixo de conversar contigo.

TITAN EMPURRA FELISBINA EM DIREÇÃO À PORTA. FELISBINA DÁ UM TAPA NA MÃO DELA E EMPURRA COMO QUE MIRANDO SUJEIRA, NO LUGAR ONDE TITAN BOTOU A MÃO. SAI. TITAN FECHA A PORTA. FELISBINA SE ARRUMA TODA, NA SALTA.

FELISBINA - O demônio das acretinas! Dizer ao meu marido que eu enganava com um senhor rico e louro, agora, depois de trinta e oito anos de casados, curvo bem? Mas não pense a senhora que isto vai ficar assim. Eu vou na polícia queixar-me da senhora e responsabilizá-la se meu marido chegar a abandonar-me.

APROXIMAÇÃO até G.P. de FELICIBINA

AUDIO - PASSÁGENS MUSICAL

PUSÃO com G.P. de GRACIEMA, SENTADA NO
mesmo lugar em que estava, na cena an-
terior, Felicibina - SALETA DE TITAN.

GRACIEMA - Até agora eu não vi nenhum resultado prático
do meu trabalho, Madame Titan.

TITAN - Mas essas coisas não são essa tão rápidas.
Sempre demoram um pouco.

GRACIEMA - Eu sei. Foi exatamente o que me disseram,
mas eu entou tão aflito para terminar com aquela bo-
bagem, que desde dia que passa fico mais desesperada.

TITAN - Mas é preciso que tenha calma e paciência,
Madame.

GRACIEMA - Pois é, mas a senhora tinha me dito que
era bater e valer... Já fez quasi um mês eu começo a
me sentir inquieta.

TITAN - Bem, mas o bater e valer que eu digo, são
os dias necessários a que se complete o trabalho que
nosé feito tudo toda de uma vez, é feito por partes.

GRACIEMA - E quanto tempo a senhora imagina que se-
ja necessário para que o trabalho esteja completo?

TITAN - Voilà... nenhum trabalho deste gênero pod-
fazer completo em menos de tres ou quatro meses,
Madame.

GRACIEMA - Meu Deus! Eu não pensai que fozas tanto
tempo assim.

TITAN - A senhora acha muito tempo?

GRACIEMA - Para lhe ser franca, acho uma eternidade.

TITAN - Eu podia fazer uma coisa imediata mas que
nem era segura. Não podia brigar logo, mas de-
pois fazer as pazes.

GRACIEMA - Ah, não. Assim eu não queria.

TITAN - Pois então já vê que eu entou fazendo de um
modo que é mais demorado, mas absolutamente seguro.
Ele briga e nunca mais quer saber dele. Por isso não
se apressa, Madame que se vagar se vai ao longe.

APROXIMAÇÃO até P.P. de TITAN, com
apresentação de velhos, servindo.

SALETA DE FELICIBINA E GABRIEL, de pé.

FELICIBINA -

GABRIEL - Batendo?

FELICIBINA - Acho melhor esperar. Ela pode estar aten-
dendo algum cliente...

GABRIEL - Então vamos esperar.

ELIZABETH - Hoje você vai se convencer de que eu disse a verdade. Você não mentiu.

GABRIEL - Mas, nunca me passou pela cabeça que você houvesse mentido. Eu apenas sabia que deveria ter sido o plano de certamente.

ELIZABETH - Pois hoje vou fazer com que ele repita, na sua frente, todas as coisas que me disse a respeito de sua irmã.

GABRIEL - Eu insisto em dizer que houve engano de alguma natureza. Para começar, posso lhe garantir que minha irmã jamais pisaria numa casa dessa ordem. Teria até medo.

ELIZABETH - Mas você acha que madame Tithh ia saber que nós eramos amonoadas, se a sua irmã não tivesse falado alguma coisa?

GABRIEL - Não foi a minha irmã, tenho certeza. Se você a conhecesse melhor sabia lá que ela seria incapaz de pisar numa casa como esta.

NESTE MOMENTO ENTRA PELA CÂMERA, ELIZABETH, E DOIS POLICIAIS. O UM É O MOÇU DE ASSURUM

POLICIAL - Onde é que ele está?

ELIZABETH - Deve estar lá dentro, dependendo alguma visita ou suas intenções.

POLICIAL - (ao 2º Policial) Não deixe sair ninguém. Quando estiver aqui, vai conduzir para a delegacia.

ELIZABETH - Meu Deus! Você ouviu o que ele disse?

GABRIEL - Ouvi. Mantenha-se calma que há de se dar um jeito.

O POLICIAL BATE PORTE NA PORTA DE VERIFICAÇÃO DAS DUAS SALAS. TITAN ABRE E TENTA ABRIR A ENTRADA, INUTILMENTE.

TITAN - Quem de vocês é quem?

POLICIAL - É a polícia. Há uma denúncia contra a senhora e todos que estão aqui vão conduzir para a delegacia.

AO OUVIR ISSO, GRACIENA FICA APAVORADA E TRATA DE FUGIR DA SALA, SEM SABER QUE HÁ OUTRO QUARTO NA OUTRA SALA.

TITAN - Há uma denúncia contra mim, disse o senhor?

POLICIAL - Sim. Uma denúncia feita por mim, a quem a senhora chegou na rua há algumas horas, inventando que eu trai a minha esposa.

TITAN - Muito bem. Então foi a senhora que deu parte de mim, não?

NESTE MOMENTO GRACIENA JÁ ESCAPOU A SEGUNDA SALA, MAS É ATACADA NA CÂMERA PELA DOIS POLICIAIS.

POLICIAL - A senhora não pode sair daqui sem...

2º POLICIAL -(CONT.) ...delegacia, junto com os outros.

GRACIEMA - Mas eu não posso ser presa. Eu pago o que me pediram, mas não posso ser presa.

GABRIEL - Graciema!.. Linhe irmão!..

AUDIO - ACORDE DE PAULINA FORTE.

ELIZABETH - Eu não disse a você? Está aí a prova.

VOLTAM OS TRÊS DA 2ª SALEXA, DISCUTINDO E GABRIEL SE APROXIMA DA COMBUSTÃO PARA FUGIR. FOGUEIRA.

GABRIEL - Si eu não tivesse visto...

TITAN - A senhora é uma ovratina, uma fofoqueira.

ELISSINA - Ovratina é você, sua maliciada, indecente. E fofoqueira também é você.

TITAN - Ainda vou fazer um trabalho para lhe ver de porcas para o ar.

ELISSINA - Está bem, é ça, mas só lhe pago que me sirva para botar calças compridas.

POLICIAL - Vamos acabar com esta conversa fiada e vamos todos para a delegacia.

GRACIEMA - Eu não posso, seu polícia, eu não posso.

POLICIAL - Não pode por que? A senhora não é melhor do que as outras.

ELIZABETH - Bem feito. Eu vou para a policia mas o meu complo é que ela tambem vai... Uai...cuidado foi para o Gabriel? Quer ver que fugiu e se deixou aqui? Mas si ele fez isto, é mais desprezível dos homens.

POLICIAL - Vamos, dona, vamos tudo pro distrito. Não de conversa.

DA PORTA DA FACHADA DE CASA

SALEXA.

SÁI PRIMEIRO UM POLICIAL, DEPOIS ELISSINA E GRACIEMA, DEPOIS AINDA ELIZABETH E, POR FIM, TITAN E O POLICIAL, VÃO TODOS DE QUADRO.

FINALIZAÇÃO até DET. de PLACA DA CARTA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

COM: DET. DE PLACA DE DELEGACIA.

ENCERRAMENTO até encerrar DELEGADO e até o fim YVANGIO.

DELEGADO - O senhor precisa a dona Graciema, não é isso? Está aqui, sim senhor.

YVANGIO - Eu gostaria de levá-la contigo. Será possível?

DELEGADO - O senhor já falou a senhora em casa...

VENÂNCIO - Paguel, sim senhor. Tenho aqui e compro-
vante.

VENÂNCIO TIR. UM PAPEL QUE MOSTRA A O DELEGADO
DELEGADO OLHA E DEVOLVE O PAPEL A MDE.

DELEGADO - É isto mesmo. (CHAMANDO) Vinte um ?

2º POLICIAL - (CONTINUANDO) Tá, seu delegado.

DELEGADO - Trax a dona Graciema, aquela senhora que
foi preza na casa de cartomante.

2º POLICIAL - Sim, senhor, seu delegado.

O 2º POLICIAL SAI PARA O INTERIOR DA DELEGATIA.

DELEGADO - Ela estava muito preocupada em que o senhor
soubesse a verdade, mas por fim soube melhor mandar
avisá-lo.

VENÂNCIO - Eu imagino bem o quanto ela deve estar de
pentada, mas o senhor sabe que eu não estou saugado
com ela? Estou até satisfeito, porque isto foi uma li-
ção que dá de servir-lhe pelo resto da vida. Nunca
mais ele se meterá na casa dessa gente.

APARECE O GUARDA COM GRACIEMA E ELIZABETH

2º POLICIAL - Tá seu delegado. Eu não sabia bem qual
era das duas e então resolvi trazê-lo as duas de
semanada. A que não pô. vorta.

GRACIEMA OLHA ENVERGOMADA PARA O M RIDO QUE TORRI,
COMPLACENTE, ELA VIRA A ELA, CHOROSA

GRACIEMA - Querido... eu estou tão envergonhada que
nem tenho coragem de olhar direito para você.

VENÂNCIO - Pois que isto lhe sirva de lição a quem
tratar de esquecer o inculente. Aquela moça estava com
você?

GRACIEMA - Aquela moça é a honrada de Gabriel. En-
contramo-nos lá por acaso.

VENÂNCIO - Mas então não podemos deixá-lo aqui. Vamos
pagar a fiança e libertá-lo conosco.

ELIZABETH - E eu faço o que não aceitar nenhuma
falta dos senhores, pois pagamos depois da decepção
que tive com Gabriel, fugido de lá e deixando-me de
deus dada. Se não queriam o nome dele comigo, sabiam
que quem não o quer agora sou eu, como vejo que ele
é covarde e indigno de minha confiança. Mas dizem que
deus escreve direito por linhas tortas. Aqui está um
exemplo. A cada um noventa e seu erro e dá um recado
o castigo que merece. Foi uma grande lição. Que todos
saibamos aproveitá-lo.

2º POLICIAL - Urra táco! Costei da mochinha. Táco
pouco, táco pouco, falou lá. Eu até vou cá mostrar para
ele de a diligência simpatia não consigo, mas táco

